



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11808 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

A disputa pelo gênero é também uma disputa pela escola.

Thais C M Gava - FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Cláudia Pereira Vianna - USP- Universidade de São Paulo

A DISPUTA PELO GÊNERO É TAMBÉM UMA DISPUTA PELA ESCOLA.

O discurso antigênero (BARRANCOS, 2022; ARGUEDAS, 2020; BARZOTTO, 2020; JUNQUEIRA, 2018; PRADO, CORREA, 2018; CORRÊA, 2017; PATERNOTTE, 2018; CORNEJO-VALLE, PICHARDO, 2017) mobiliza há décadas grupos sociais (religiosos ou não) para a manutenção da ordem vigente, fundamentada em uma moralidade social, política e individual pautada em preceitos dogmáticos, por meio da defesa da centralidade da família como núcleo social, na qual homens e mulheres apresentam papéis preestabelecidos e fixos para a perpetuação dessa ordem social pautada na heterossexualidade. Contudo, as reflexões teóricas mais recentes fazem o alerta de uma inflexão em curso, pois a operacionalização desse discurso, segundo a terminologia reacionária da "ideologia de gênero", não está mais centrada apenas em grupos religiosos ou estritamente reacionários, mas pautada em uma heterogeneidade de forças sociais, promovendo novas gramáticas e possibilidades de atuação tanto no âmbito transnacional como no local. A “lógica antigênero deixou de ser uma estratégia de mobilização política dispersa no tecido socioinstitucional para se converter em política pública explícita” (PRADO, CORRÊA, 2018, p. 447).

São inúmeras as autoras e autores que buscam entender essa ampliação de sentidos levando em conta um mosaico composto de várias facetas que se sobrepõem e se retroalimentam. Também destacam as proximidades do discurso antigênero com o fortalecimento de políticas neoliberais (BROWN, 2018; COOPER, 2017; DARDOT, LAVAL, 2016), associado às políticas de cunho moral avessas aos direitos humanos, em especial dos direitos sexuais e reprodutivos (BIROLI, MACHADO, VAGIONNE, 2020; BROWN, 2018; VAGIONNE, 2017; BIROLI, 2017), o que acabou por questionar o modelo de sociedade proposto no início da década de 1990 que tem como alicerce a defesa da democracia representativa (GONZÁLES, 2016; MOUFFE, 2015; BIROLI, 2017; CASTELLS, 2018; SANTOS, 2018).

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa em curso que parte das referências que colocam o discurso antigênero como uma disputa pelos distintos significados de gênero - e suas possíveis consequências para as diferentes esferas sociais. Assim, a disputa é o elemento central na reflexão e na análise do contexto macrossocial, bem como de suas reverberações, em especial na educação do país.

Dentre as estratégias antigênero, no campo educacional, uma das estratégias de disputa mais difundidas são as ações diretas por meio da intimidação e exposição que denominamos aqui de denúncia de gênero. Desse modo, buscamos explorar as denúncias de gênero, via notificações extrajudiciais, a escolas e professoras por conta de trabalhos com crianças e adolescentes. A partir de entrevistas realizadas com pessoas envolvidas em duas denúncias ocorridas na cidade de São Paulo, nos anos de 2016 e 2018, buscou-se explorar as distintas maneiras como o gênero foi tratado no desenrolar desses eventos.

Uma das primeiras constatações é a de que as denúncias de uma determinada perspectiva de gênero não significam a interrupção da discussão sobre gênero em si, mas a adoção da visão hegemônica, baseada no binarismo e na ordem essencialista das percepções sobre as diferenças sexuais que trazem diversas consequências para o ambiente escolar. Uma demanda pela manutenção de uma suposta ordem social que delimita e, portanto, exclui demandas sociais de enfrentamento das formas de sujeições das mais diversas ordens.

Além disso, constatamos a aproximação entre as denúncias de gênero e o esvaziamento das funções sociais da escola, pois não é de hoje que a disputa pelos sentidos da escola é realizada, visto que grande parte dos questionamentos ora se pautam em marcos legais que consideram a Educação como um direito, ora como um serviço a ser ofertado e, consequentemente, cobrado. Não se trata de visões dicotômicas, mas que dependendo do enfoque adotado, colocam em xeque suas possibilidades e limites.

Partindo do raciocínio que gênero constrói a política e a política constrói o gênero (SCOTT, 1999) é possível ampliá-lo e pensar que a escola faz o gênero e o gênero também faz a escola. As denúncias de gênero dão novos matizes para os sentidos da escola, pois ao questionarem a pertinência do trabalho com a temática de gênero pressupõe modelos de família, docente e estudantes que desconsideram a Educação como um direito de todas as pessoas no Brasil.

Palavras- Chave: gênero, antigênero, escola, denúncia.

Referências Bibliográficas

ARGUEDAS, Gabriela. (2020). «Ideología de género», lo «post-secular», el fundamentalismo neopentecostal y el neointegrismo católico: La vocación anti-democrática. In: Corrêa, Sonia (ed.). Políticas antigênero en América Latina: Estudios de caso (pp. 11-35). Río de Janeiro: Observatorio de Sexualidad y Política.

BARRANCOS, Dora. História dos feminismos na América Latina. Tradução Michele Stroada, 1ed, Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

BARZOTTO, Carlos Eduardo. Distopia à brasileira: A (re)produção do discurso antigênero no Contexto das políticas públicas educacionais de municípios do Rio Grande do Sul (2014-2019). 134. Dissertação, Educação. Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

BIROLI, Flávia. Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2017

BIROLI, Flavia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos Machado. Gênero, Neoconservadorismo e Democracia: Disputas e Retrocessos na América

Latina. São Paulo: Boitempo, 2020

BROWN, Wendy. Cidadania Sacrificial Neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade. Tradução Juliane Bianchi Leão. Zazie Edições. Rio de Janeiro, 2018.

CASTELS, Manuel. Ruptura: A Crise da Democracia. Zahar, Rio de Janeiro, 2018.

COOPER, Melinda. Family Values: Between Neoliberalism and the New Social Conservatism. Zone Books, 2017.

CORNEJO-VALLE, Mónica; PICHARDO, J. Ignacio. La "ideología de género" frente a los derechos sexuales y reproductivos. El escenario español. Cadernos Pagu, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero- Pagu/Unicamp, n. 50, 175009, 2017

CORRÊA, Sônia. Algumas palavras sobre Ideologia de gênero: rastros perdidos e pontos cegos. In: Colóquio Gênero Ameaçado. Análises e Resistências, 30 e 31 out. 2017, Rio de Janeiro [<https://youtu.be/VWBJ6GX2Umo>] acesso: 10/12/2018

GONZALES, Érika. Governos progressistas na América Latina: notas sobre o fim de um ciclo. Revista Unisinos. 10/09/2016. Disponível: <<http://www.ihu.unisinos.br/559926-governos-progressistas-na-america-latina-notas-sobre-o-fim-de-um-ciclo>> . Acesso em dez de 2019

DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. 402p.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 18, n. 43, p. 449-502, dez. 2018.

MOUFFE, Chantal. Sobre o Político. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2015, 160p

PRADO, Marco Aurélio Maximo; CORREA, Sonia. Retratos transnacionais e nacionais das cruzadas antigênero. Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 18, n. 43, p. 444-448, dez. 2018

PATERNOTTE, David; KUHAR, Roman. "Ideologia de gênero" em movimento. Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 18, n. 43, p. 503-523, dez. 2018.

SANTOS, Fábio Luis Barbosa dos. Uma história da onda progressista sul-americana (1998-2016). São Paulo: Editora Elefante, 2018.

SCOTT, Joan. Gênero, Política e História (1999)

VAGGIONE, Juan Marco. La Iglesia Católica frente a la política sexual: la configuración de una ciudadanía religiosa. Cadernos Pagu, vol. 50, São Paulo, Brasil, 2017.